

# ónio Almeida a a LUSAlândia

sujeito ao embate entre dois mundos, com as tensões e conflitos daí resultantes, o choque entre padrões culturais, lado a lado com a cristalização de formas de pensar e olhar o mundo, com a permanência de modelos e comportamentos transportados de Portugal para o novo universo.

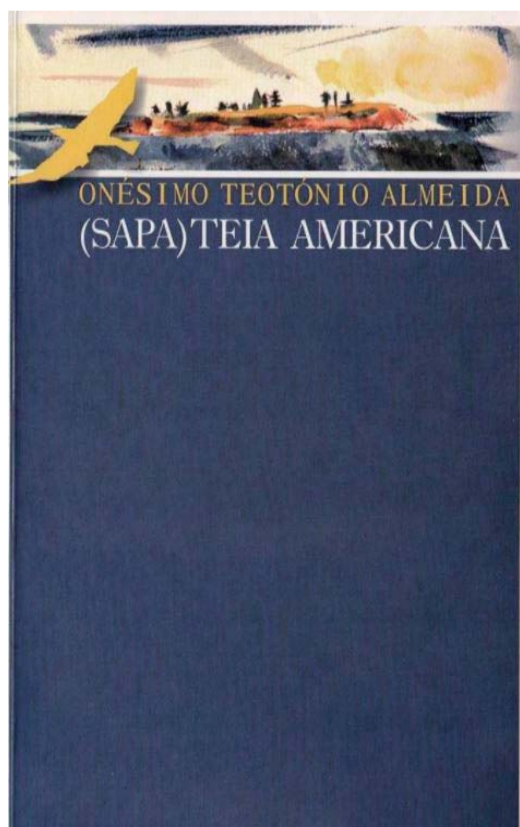
Ora, as crónicas de *Da Vida Quotidiana na LUSAlândia* tomam este quadro como ponto de partida e constituem-se com um propósito de interpelação, direi mesmo, provocação do outro, o leitor, levando-o a pôr em causa as suas verdades e a natureza supostamente inquestionável delas mesmas.

É, portanto, uma problematização a partir de dentro, pois que o cronista se situa no interior do universo problematizado, como o exprime de modo lapidar a crónica inicial na formulação apelativa do seu título: «Gente, vamos repensar-nos!».

Este propósito cívico marca a intervenção do autor enquanto promotor da consciencialização colectiva e de uma aprendizagem da liberdade e do espírito crítico e exerce-se mediante um discurso que varia entre o pendor mais pedagógico e o mais crítico, recorrendo à narrativa breve alegórica e ao humor na sua função de corrigir pelo riso, que é «um princípio de sabedoria», como escreveu Natália Correia.

Lido à distância de quase cinquenta anos, é fácil ver como *Da Vida Quotidiana na LUSAlândia* constituiu uma singular revelação do mundo lusalandês, sem o habitual enquadramento mítico e paternalista.

E representava um exercício de



liberdade de pensamento e de expressão: as crónicas sobre Portugal escritas antes de Abril de 74 nunca teriam visto a luz do dia no rectângulo português; mas também as crónicas sobre a América traduzem a mesma distanciação crítica perante a sociedade e o poder – mesmo que esse gesto de «despentear parágrafos» mentais e comportamentais, individuais ou governamentais, tenha suscitado as reacções adversas de que as próprias crónicas dão conta.

Nestas, e apesar da sua preponderante vertente reflexiva e comentativa, encontramos traços que conhecerão novos desenvolvimentos e outra dimensão em posteriores livros do autor: os jogos e trocadilhos ou o decalque verbal, a alusão, o pequeno episódio ilustrativo de um pensamento.

Como sabemos, o universo lusalandês não ficará confinado a *Da Vida Quotidiana na LUSAlândia*: ele projecta-se ainda, pontualmente, em *Aventuras de um Nabogador* e de forma dominante em *Ah! Mõnim dum corisco* e em *«Sapateia Americana»* (mas recorrendo ao modelo dramático e ao narrativo, com outras

consequências e potencialidades no modo de representação do mundo lusalandês).

Como também sabemos, depois desse livro de 1975 a crónica de Onésimo cresceu e multiplicou-se, de acordo com o preceito bíblico.

E nesse crescimento ela tornou-se mais desenvolvida e fluida, digressiva na sua articulação discursiva, mais pessoal também na medida em que nelas ocorre com maior incidência e exposição um autor que lança mão da própria experiência como pretexto para reflexão.

Além disso, a sua crónica faz de recursos já conhecidos um outro uso, mais intenso e recorrente, entre eles o humor como estratégia e a incidência de um quotidiano sem fronteiras temáticas e de geografias sucessivamente descentradas; como Onésimo escreve em *Que nome é esse, ó Nézimo?*: «crónicas do dia-a-dia, elas pretendem, e pretendem ainda, sintonizar o quotidiano de quem quer que viva interessado na miríade de transformações ocorridas neste final de milénio» (p. 10).

Em *Livro-me do Desassossego*, um

volume de crónicas de 2006, Onésimo escreve que «nos dias que correm, o humor torna-se mais difícil de fazer e digerir» (p.14).

Era a constatação de como o tempo exterior, social, pode interferir, agora num sentido perverso, na crónica enquanto género da distensão intelectual, do comentário bem-humorado e do «ensaio em mangas de camisa» (p. 13).

Não é necessário chamar a atenção para o aumento das dificuldades entretanto verificado: os novos controladores das mentes ocuparam as esquinas da cidade, arrogando-se o direito de tudo filtrarem e determinarem, em nome de uma higiene pública, por vezes com laivos de eugenia intelectual. Como bons carrascos, eles não riem.

As crónicas de Onésimo estão aí, desafiando os tempos e os leitores.

Continuar a lê-las será sempre um gesto de autonomia pessoal, um acto de liberdade e cidadania.

Centro Natália Correia,  
Fajã de Baixo, 11.06.21